

ORIGEM da FAMILIA ARANTES

Aníbal de Almeida Fernandes. 13º neto de João de Arantes o 1º Arantes, no Século XV, Portugal e 5º neto de Antonio de Arantes Marques, Patriarca do Tronco Arantes-Aiuruoca, MG, atualizado Julho, 2018.

www.genealogiahistoria.com.br

A descoberta do trabalho **Nantes ou Anantes ou Danantes (que hoje he Arantes)**, de autoria do **Padre Marcelino Pereira que viveu em Portugal no século XVIII**, que identifica o **primeiro Arantes no Nobiliário Coleção de Memórias Genealógicas, (2º volume), manuscrito nº 876 do Arquivo Distrital de Braga** cujo resumo também está registrado na **pg. 1.024 do Livro da Família Arantes** de **Américo Arantes Pereira**, essa **pesquisa** (mandada fazer pelo engenheiro lisboeta, Eduardo de Arantes e Oliveira), serve de base para este resumo da **origem dos Arantes**, que identificou o primeiro Arantes: **João de Arantes** que, no século XV, era **João de Nantes**, cujo sobrenome ficou assim até D. João IV, o Restaurador (1604-1656), 21º Rei de Portugal. Depois o sobrenome mudou para **D'Anantes**.

Na segunda metade do **século XVII** o sobrenome passa a **d'Arantes**, ou **de Arantes**, forma moderna sob a qual passará a ser escrito e o é, até hoje. O sobrenome acompanha a evolução do nome desse lugarejo do **Conselho de Chaves**, Vila que pertencia à Casa dos Duques de Bragança.

João de Arantes, que é o 1º Arantes nasceu, **cerca de 1460**, sob o reinado de ***Afonso V, 12º Rei de Portugal:**

Nota: *Afonso V, 12º Rei (1438-1481), pai de João II, 13º Rei (1481-1495 fal. sem sucessor), D. Manuel, o Venturoso, 14º Rei, (1469-1521) é irmão de Afonso V e pai de João III (1502-1557), 15º Rei.

Crê-se que a origem de João de Arantes seja no Couto de Arantei (Arantes) do Concelho de Salvaterra do Minho do Reino da Galiza e que, provavelmente ele tenha acompanhado, em viagem para Portugal, **Pedro Alvarez de Sotomayor**, Conde de Caminha, Visconde de Tuy e Senhor de Salvaterra um dos principais aliados de **D. Afonso V (12º Rei de Portugal 1438-1481) pai de D. João II. João de Arantes 13º avô de Aníbal, foi nomeado a 2/1/1488 Condestável dos Espingardeiros do Reino (o que equivalia a Chefe do Estado Maior), no turbulento reinado de D. João II (filho de Afonso V) de quem foi Cavaleiro da Casa Real. D. João II, (13º Rei de Portugal entre 1481-1495, ele é o Príncipe Perfeito).**

Documentos existentes no Arquivo Distrital de Braga:

1º) escritura feita a 9/3/1508: João de Arantes e sua mulher Genebra de São Payo aparecem nessa escritura relativa à compra de uma herdade vizinha à Quinta de Romy, tendo por testemunhas Francisco Machado, (que foi um dos mais poderosos fidalgos da época, Senhor da Casa de Castro, da Terra de Entre-Homem e Cávado, Senhor da Vila de Lousã, Comendador de Souzel na Ordem de Cristo e sogro do poeta Francisco de Sá de Miranda) e Diogo de Arantes (filho de João e Genebra).

2º) escritura feita a 16/2/1509: João de Arantes e sua mulher Genebra de São Payo entram como partes no aprazamento ao Cabido de Braga do Casal de Remonte situado na Freguesia de Arentim.

3º) carta de Ofício da Chancelaria de D. João II, de 2/1/1488 que nomeia o escudeiro da Casa Real, **João de Arantes, Condestável dos Espingardeiros do Reino** (o que equivalia a Ministro da Guerra), no turbulento reinado de **D. João II** (filho de Afonso V) de quem foi Cavaleiro da Casa Real. D. João II foi 13º Rei de Portugal, entre 1481-1495, o Príncipe Perfeito, ele assinou o Tratado de Tordesilhas a 7/6/1494, foi o maior incentivador da 1ª ação mundial de viagens da humanidade, o **Ciclo das Descobertas Marítimas** que se concretiza graças ao seu firme e completo posicionamento como único Senhor de Portugal, ele é considerado o Grande Rei de Portugal, pois quando sobe ao trono trata de fortalecer o poder real aliando-

se à burguesia mercantil de Lisboa e irritando a alta nobreza portuguesa que procura aliança com a Espanha. Como foi o caso de seu primo D. Fernando II, **3º Duque de Bragança**, o maior e mais rico Senhor de terras de Portugal, Castela, Navarra e Aragão que, por essa atitude é degolado em Évora, em 1483, a mando de D. João II, que confisca para a Coroa os riquíssimos bens da **Casa de Bragança, a mais opulenta de Portugal**. Os Bragança fogem para Castela, procurando o abrigo da rainha Isabel (aquela rainha que financiou Cristóvão Colombo na descoberta da América), e só voltam em 1497, quando D. Manoel I, que era tio de D. João II e irmão de D. Afonso V, assume o trono e restitui os bens da Casa de Bragança a D. Jaime, filho de D. Fernando II, que se torna o 4º Duque de Bragança.

O documento português mais antigo relativo a um Arantes é uma carta de ofício emanada da Chancelaria de D. João II, com data de 2 de Janeiro de 1488, que nomeia para Condestável dos Espingardeiros do Reino um certo João de Arantes (*João Darantes*), escudeiro da Casa Real. Os espingardeiros era uma força de elite, pelo que o ofício em questão era, na época, um muito importante cargo militar.

O mesmo diploma menciona que João de Arantes já antes tinha prestado serviços a D. Afonso V, pai e antecessor de D. João II. É natural que tais serviços tivessem sido prestados durante a guerra que D. Afonso V travou contra os Reis Católicos de Espanha, Fernando e Isabel, pela sucessão da coroa de Castela, guerra que culminou na Batalha de Toro (1/III/1476) perdida pelo monarca português.

Condestável substituiu na hierarquia militar o alferes-mor e as suas funções aproximavam-se das que, modernamente, tem o chefe de Estado-Maior e, mais ainda, dos mestres-de-campo-generais dos séc. XVI e XVII (Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. IV, pg. 1279).

Nota: D. João I, o Mestre d'Aviz, criou para **seus 2 filhos legítimos** os primeiros Ducados de Portugal após a vitória de Ceuta em 1415: **o 1º Ducado foi o de Coimbra para D. Pedro, o 2º Ducado foi o de Viseu para D. Henrique**. Depois D. Pedro, 1º Duque de Coimbra, regente de Portugal entre 1439. e 1446, cria o **3º Ducado em 1442, o de Bragança, para seu irmão bastardo Afonso, Conde de Barcelos**, nasc. em 1370, legitimado em 1401.

João de Arantes, o 1º Arantes, foi o Senhor da Quinta de Romay comprada em 1495 de Pedro Nogueira, tabelião e escudeiro de João Teixeira Chanceler-Mor do reino, (o Padre Marcelino Pereira, séc. XVIII cita o Livro do pão que se pagava ao Cabido de Braga para provar que os Anantes/Arantes eram senhores da Quinta de Romay).

A Cidade Colonial: Nelson Omegna, pg 277

de toda execução por dívida, ainda que
e) O título de propriedade de uma gleba outorga acentuada superioridade social sobre as demais profissões e ofícios. Como no feudalismo, era na posse da terra que se adquiria a marca de diferenciação aristocrática.

Nota: Esta **Quinta de Romay** na freguesia de Carrazedo no Concelho de Amares, pertencera à Casa de Castro que, como diz o Marquês de Montebello, "*era o solar de que todos os reis da Europa descendem*". O nome Romay vem do Conde D. Romão, filho ilegítimo d'El Rey D. Fruella e neto d'El Rey D. Afonso, o Católico, Reis das Astúrias no século VIII. Nós ficamos sabendo pelas Notas do Marquês de Montebello ao Nobiliário do Conde D. Pedro, que a Quinta de Romay veio para a Casa dos Machados, pela mãe de Vasco Machado, Dona Mayor Mendes de Vasconcelos e que o aforamento do senhorio da Quinta de Romay a João de Arantes pode significar uma compensação pela transferência da Quinta de Nantes ao ramo primogênito e, nesse caso, os Arantes poderiam estar ligados aos Machados, que tem origem no Cavaleiro D. Mem Moniz de Gandarei conquistador de Santarém, (onde está enterrado Pedro Álvares

Cabral) que tomou essa vila aos mouros rompendo com um machado as portas da cidade vindo, desse jeito, aos descendentes o apelido de Machado.

João de Arantes por ser **Senhor da Quinta de Romay** e por esse cargo de **Condestável d'El Rei**, torna possível concluir com certeza que **João de Arantes** era, ele próprio, um nobre por ser um **Escudeiro Fidalgo de sangue e espada, Senhor da Quinta de Romay e Morador da Casa Real**.

Nota: Felgueiras Gayo, informa que o foro de cavaleiro e escudeiro era sinal de nobreza; principalmente quando o título já era usado antes da reforma feita por D. Sebastião, em 1572, que abrandou as exigências para a concessão dos títulos.

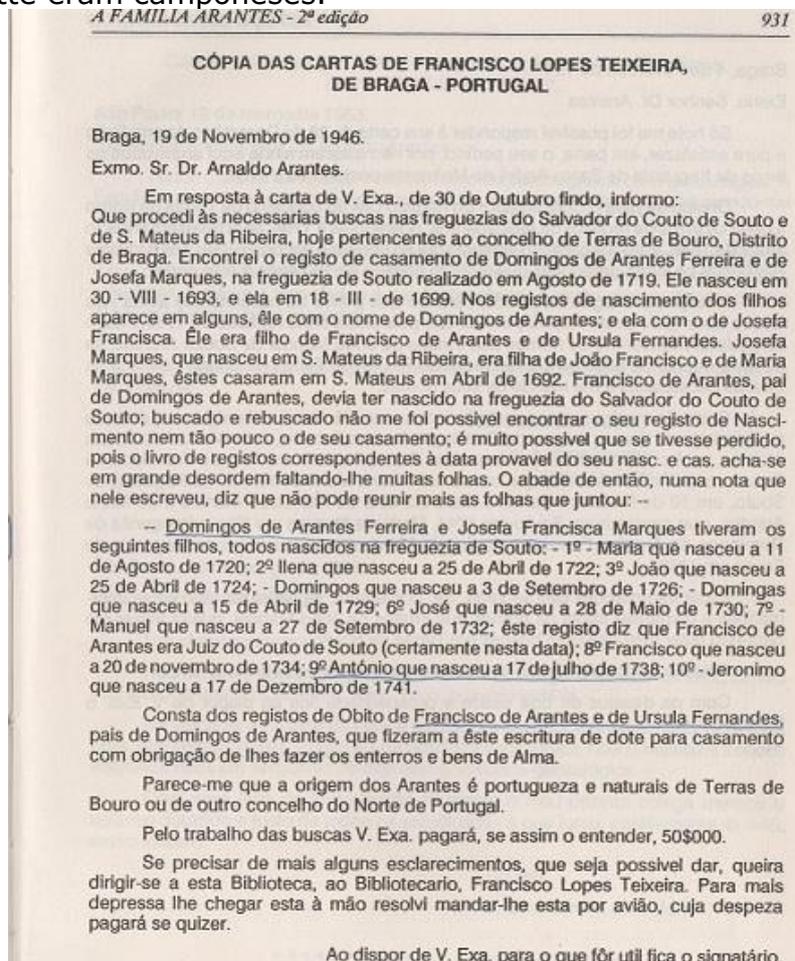
Carta de Nomeação Régia de João de Arantes
“Condestável de todos os nossos espingardeiros de nossos Reinos e senhorios”
datada de 02/01/1488

"Dom João II a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que esguardando nós dos muitos serviços que El Rei meu Senhor e Padre que Deus haja e nós dito mesmo temos recebido e ao diante esperamos receber de João de Arantes escudeiro de nossa casa confiando dele que em qualquer cousa que o encarregarmos nos servirá bem e fielmente e querendo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e o fazemos ora novamente nosso condestabre de todos los nossos espingardeiros de nossos Reinos e senhorios e lhe damos poder e autoridade que ele haja de examinar e colher aqueles espingardeiros que sentir que são pertencentes e autos para no dito cargo servirem até àquele conto e número que temos ordenado. E queremos e nos praz que de cada espingardeiro que ele tomar possa levar um espadim de ouro[4] de entrada e foro para ele e isto mesmo lhe damos poder e autoridade que ele possa pôr anadeis, escrivãos e oficiais dos ditos espingardeiros quaisquer pessoas que lhe aprouver e que para ele forem pertencentes e isto naqueles lugares em que houver espingardeiros e lhes der armas dos ditos officios por ele dito João de Arantes assinadas e passadas por nós em nossa ementa e tanto que assim forem postos por oficiais queremos que hajam toda as liberdades e privilégios e franquezas assim como os têm os nossos espingardeiros. E queremos e nos praz que ele dito João de Arantes haja sobre eles ditos espingardeiros e oficiais deles tal poder que conhecer de todos seus feitos civis e crimes e outra alguma pessoa não os ouça e determine como achar que é direito e justiça dando apelação e agravo nos casos que o direito e nossas ordenanças o mandam e por esta mandamos a todos os ditos oficiais e pessoas espingardeiros que lhe sejam bem obedientes e a seus mandados em todo a que nosso serviço cumpre e ao dito seu officio pertence assim e tão compridamente como se lho nós por nossa pessoa mandássemos e não o fazendo eles assim ou alevantando entre si alguns aruídos ou discórdias por alguns outros casos que o mereçam lhe damos poder que os possa prender e mandar prender e apenas naquelas penas que lhe razão parecer. E porém mandamos a todo os nossos regedores, juizes, justiça, alcaldes, meirinhos e outros quaisquer oficiais e pessoas a que isto pertencer que se o dito João de Arantes comdestabre da nossa parte requerer ou mandar requerer que prendam alguns espingardeiros ou officiaes dos sobreditos que vós os prendais e façais tudo o que vos ele mandar e requerer por nosso serviço e deis a execução toda as penas que lhe ele prouver cumprindo assim uns e outros e fazendo assim cumprir e guardar sem outra dúvida nem embargo que a ele ponham e sendo vós, ditas nossas justiça e officiaes, a isto negligentes, por esta damos poder ao dito João de Arantes comdestabre que nos possa apellar e pôr aquelas penas que lhe razão parecer para nossa câmara e para vós cativos de quais penas nós queremos e nos praz que venham e sejam executadas como se por nós fossem postas. E o dito João de Arantes nosso comdestabre jurou aos santos evangelhos na nossa chamcelaria que bem e diretamente e como deve? do dito officio guardando a nós nosso serviço e ao pouco seu direito. Dada em Santarém a dois dias do mês de Janeiro. Fernão Rolim a fez ano de mil quatrocentos e oitenta e oito anos".

Do "Livro de Extras" (folhas 18 e 18v) integrado na "Leitura Nova" de D. Manuel.

Carta Fornecida por Gilberto Furriel, 21/7/2016

Atenção primos Arantes: em relação a todas as famílias brasileiras que eu pesquisei nos registros do **Pedro Taques e do Silva Leme**, nenhuma outra família descrita começa com um **Condestável, Morador da Casa Real**, e todas essas qualificações são sinais inequívocos de nobreza e tudo isto com significativa antiguidade já que aconteceu em **pleno século XV, ou seja, antes da descoberta do Brasil**. Faço um enquadramento histórico para facilitar a compreensão da posição social de João de Arantes, Morador da Casa Real e Senhor da Quinta de Romay, o que lhe dá nobreza, numa **monarquia absoluta regida pela lei estamental onde o Rei** é dono de tudo e de todos e dele depende toda a vida social do reino que é Sua Casa e onde ele faz o que quer. Eu comparo esta importante origem de João de Arantes, o 1º Arantes no séc. XV, com a origem da **família Real da Suécia** no séc. XIX, uma vez que o atual Rei Sueco descende de um General de Napoleão Bonaparte chamado Bernadotte (que era casado com Desirée Clary, filha de um comerciante de Marselha, que fora noiva de Napoleão e era irmã de da mulher de José Napoleão que foi o rei imposto à Espanha por Napoleão, irmão de José), que foi chamado pelos suecos para ser Rei da Suécia para agradar Napoleão. Tudo isto aconteceu no início de 1800, ou seja, mais de 300 anos após o nosso avô João de Arantes já ser Condestável, Fidalgo de sangue e espada, Morador da Casa Real e Senhor de Romay. Mais um detalhe, os pais e avós deste Bernadotte eram camponeses.

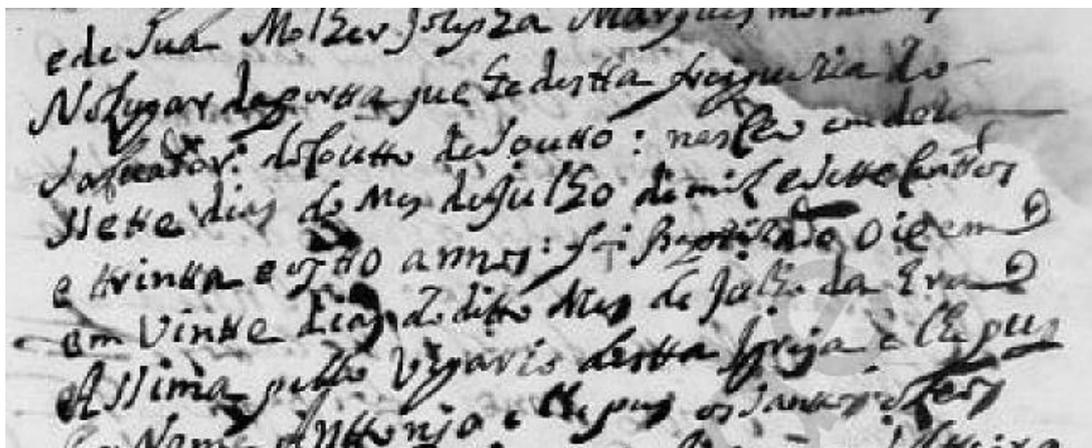


3 Troncos no Brasil que descendem de João de Arantes, através de seu 6º neto Domingos de Arantes:

Domingos de Arantes, b. 30/7/1693, **6º neto de João de Arantes**. Casado a 6/8/1719 na freguesia do Souto, com Josefa Marques b. 18/3/1699, pais de 10 filhos:

Maria (1720), Helena (1722), **João (1724)**, Domingos (1726), Domingas (1729), José (1730), Manuel (1732), Francisco (1734), **Antonio (1738)**, Jerônimo (1741).

Destacaremos apenas: Maria, João e Antonio (Capitão-Mor).



Detalhe da Certidão de Batismo do Cap-Mor: 1738

"...e de sua mulher Josefa Marques moradores no lugar da porta que é desta freguesia do () do Couto de Souto nasceu em dezessete dias do mês de julho de mil setecentos e trinta e oito anos, foi batizado hoje em vinte dias do dito mês de julho da era acima pelo vigário desta Igreja e lhe pus o nome Antônio e lhe pus os santos óleos..."

Casou-se com **Ana da Cunha de Carvalho**, bat. em Serranos, freguesia de Aiuruoca, a 24/4/1747 e falecida em 5/5/1824, que é filha do Coronel Antonio da Cunha Carvalho e de Bernarda Dutra da Silveira, esta natural de Barbacena, filha de Francisco Furtado Dutra, açoriano da Ilha do Fayal, nascido cerca de 1700, e de Florência Francisca das Neves, descendente de **Balthazar de Moraes de Antas, 12º avô de Anibal**, que veio para o Brasil em **1556**, tinha Comprovação de nobreza e de pureza de sangue passada perante o Juiz de Mogadouro a 11/9/1579 e fez essa carta ser reconhecida perante o Ouvidor Geral da Bahia, Cosme Rangel de Macedo a **23/11/1580**, (registrado em, Títulos 1530-1805 do Arquivo Heráldico e Genealógico do Visconde Sanches de Baena e também na Câmara Municipal de São Paulo em **1670**); Alfredo Ellis Jr informa que Balthazar, foi o único morador do Brasil a ter comprovação de nobreza de 1ª linha no séc. XVI). Balthazar foi Juiz em São Paulo de Piratininga, em **1579**, foi casado com Brites Rodrigues Annes, e tiveram 4 filhos: Pedro, Balthazar (11ºavô de Anibal), Ana, Isabel.

Capitão Antonio e Ana foram proprietários da Fazenda Conquista na Freguesia de Aiuruoca, então termo da vila de Campanha da Princesa, com casa assobradada, ermida própria sob orago de S. Antonio do Amparo, paiol, várias senzalas, engenho de cana etc.

Foto das ruínas da Capela (1801) da fazenda Conquista (Iracema Arantes)



Ana faleceu aos 05-05-1824. Em seu testamento, ditado aos 06-07-1822 e registrado na Matriz de Aiuruoca aos 06-05-1824, declarou os filhos: Francisco; Thomas; Padre Antonio já falecido; Manoel; Jerônimo; Maria casada com José Correa; Theodosio; Veríssimo; Raymundo.

B7: Igreja N. Sra. da Conceição - Aiuruoca: obitos - matriz - 05 maio 1824 faleceu , octogenaria, c/test. D. Anna da Cunha de Carvalho, viúva do cap. Antonio de Arantes Marques.

F. leg. do cel. Antonio da Cunha de Carvalho e Dona Bernardina

Dutra da Silveira, falecidos, bat. e moradora nesta freguesia de Aiuruoca.

Testamenteiros: 1- m/filho ten. Jeronimo d'Arantes Marques; 2- m/filho cap. Francisco de Arantes; 3- m/genro Jose Correa.

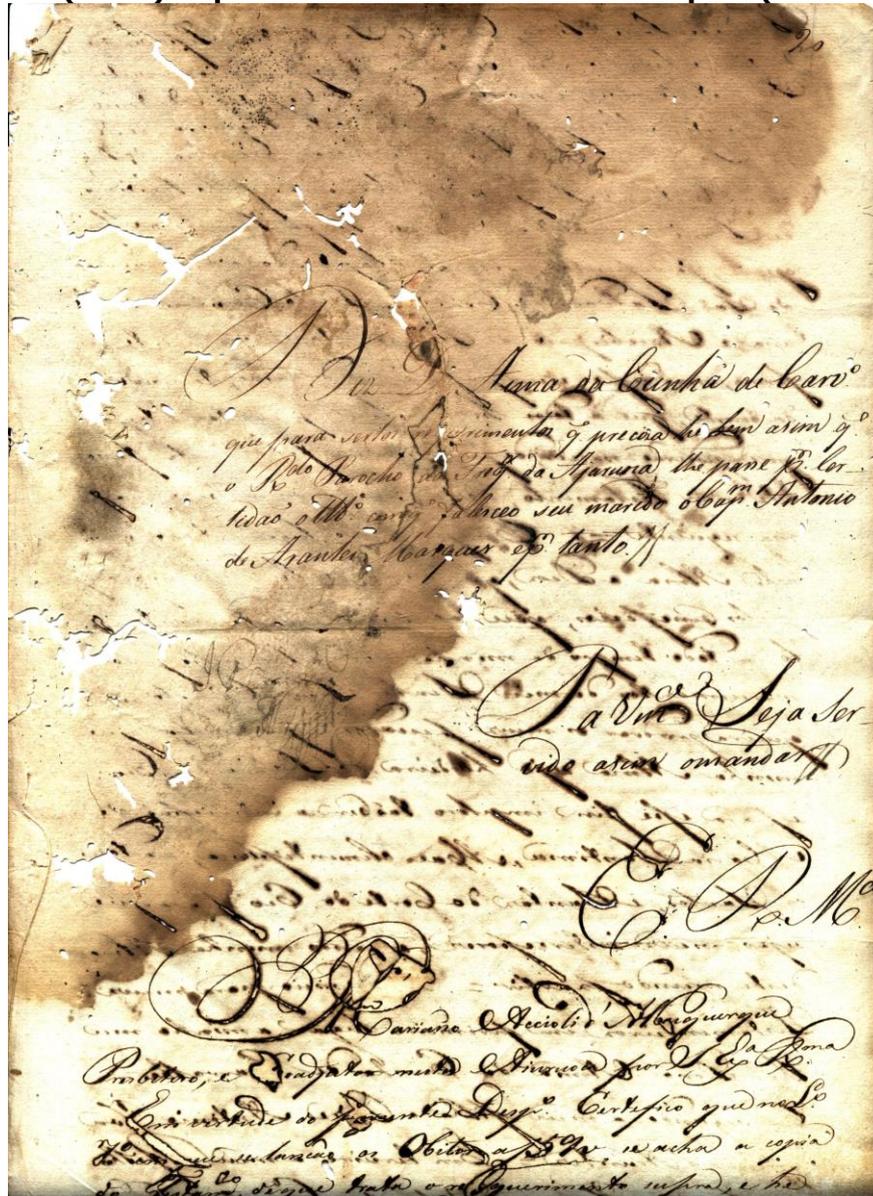
Fui cc. cap. Antonio de Arantes Marques, filhos: Francisco; Thomas, o padre Antonio, já falecido; Manoel; Jeronimo; Maria cc. Jose Correa; Theodosio; Verissimo; Raymundo que est/aotodos inteirados de suas legitimas paterna e materna e só me resta a minha terça que consta dos escravos (...)

Legados: aos pobres; a matriz; a minha neta Leonarda filha do Capitão Francisco de Arantes cincoenta ----is.

Declaro que por falecimento de meu filho Padre Antonio [--danificado--] fui sua herdeira, porem finando aquele endividado, meu filho Tenente Jeronimo de Arantes satisfes as dividas todas do mesmo, e portanto lhe fis pagamento com os proprios bens do dito, que apenas chegaram para saldar o débito.

Declaro e instituo por herdeiros do remanescente da terça, em igual parte, a meus filhos Raymundo e Theodosio
Aiuruoca 06 julho 1822. Registrado 06 maio 1824.

Testamento (1801) Capitão-Mor Antonio Arantes Marques (Gilberto Furriel)



Fontes pesquisadas para a estrutura desse trabalho:

Nantes ou Arantes ou D'anantes, que hoje He Arantes, trabalho do Padre Marcelino Pereira, Séc. XVIII, encontrado no Arquivo de Braga, manuscrito 876, obtido pelo Eng. Português, Eduardo Arantes e Oliveira.

BIBLIOGRAFIA consultada para estruturar este trabalho:

. Provas Documentais:

. **Nantes ou Anantes ou Danantes (que hoje he Arantes)**, de autoria do **Padre Marcelino Pereira que viveu em Portugal no século XVIII**, que identifica o **primeiro Arantes** no Nobiliário **Coleção de Memórias Genealógicas, (2º volume), manuscrito nº 876 do Arquivo Distrital de Braga**

. Testamento e Inventário do Capitão-Mor Antonio de Arantes Marques: 19/10/1816, Caixa 5, Museu Regional de São João d'El Rei, pesquisado por Gilberto Alves Furriel da Silva, pesquisador *in situ*, Aiuruoca, MG, 2003.

. Provas Documentais: Matriz de Aiuruoca: autos do Inventário, pg. 84, maço 5, Maio=1814 e Testamento, de 30/12/1800 de Antonio de Arantes Marques, (fal. 17/5/1801), Fazenda da Conquista, que consta de livro de Óbitos nº 7, pg. 179 verso, Aiuruoca, certificado a 29/8/1814 pelo presbítero: Cassiano Accioli d'Albuquerque. Museu Regional de São João del Rei, Tipo de Documento: Inventário, Ano: 1816, Caixa: 05.

. E o Vale era o escravo, Ricardo Salles, Civilização Brasileira, 2008 > Manoel de Avellar e Almeida, pgs: 280/281/282 e Centro de Documentação Histórica Severino Sombra (CDH), > inventário nº 435, caixa 90, pg. 305.

site www.genealogiahistoria.com.br

. **Pereira, Américo Arantes - A Família Arantes, estudo genealógico, Editora Legis Summa Ltda.**, Ribeirão Preto, 1993, editado por Flávia Meirelles Pereira Ferriani, filha do autor.

. **Arantes, Arnaldo** - A Família Arantes, Saraiva S.A., SP, 1953.

. 20 Gerações de João Ramalho a Bartira, Laerte M. Magno Ribeiro, Press Grafic Editora Ltda, 1989, pg 227: L.O. nº 4, fls 54v, Matriz Andrelândia: + 19/7/1885

. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, a 19/11/1946, carta do Diretor Francisco Lopes Teixeira informa que os Arantes são oriundos das Freguesias do Salvador do Couto do Souto e de São Mateus da Ribeira, hoje pertencentes ao Concelho de Terras do Bouro, Distrito de Braga.

. Rheingantz, Carlos G. - Titulares do Império, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, RJ, 1960.

. Guimarães, José - As Ilhoas, pg. 65, Revista Genealógica Latina, Vol.XII, IGB, SP, 1960.

. Stulzer, Frei Aurélio - Notas para a História da Vila de Pati do Alferes, Lito-Tipo Guanabara Ltda., RJ, 1944.

. Fernandes, José de Avellar - Os Moraes de São Paulo, Anuário Genealógico Latino, Vol.4 IGB, pgs: 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77, SP, 1952.

. A Cidade e o Planalto, Gilberto Leite de Barros, Martins, 1967, I Tomo, em especial as pgs: 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 49, 53, 54, 57, 60, 82, 83, 85, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 123, 124, 164, 168, 169, 173, 174, 180, 186, 188, 191, 193, 196.

. Anuário Genealógico Brasileiro (AGB) do IGB: Anos: I, II, III (fl. 397), IV, VI, VII e IX.

. José Guimarães, dados fornecidos pelo insigne Genealogista de Ouro Fino, MG, sobre a ascendência de Ana da Cunha de Carvalho/Baltazar de Moraes de Antas.

. Genealogia Paulistana de Silva Leme, Vol. VII, Título Moraes, pgs: 3, 25 - Cap. 2 e 56.

. Testamento da 1ª Baronesa de Cajuru: Cartório do 1º Ofício, Livro 2, fls. 42v-45, Andrelândia, MG.

. Dicionário das Famílias Brasileiras, Antonio Carlos Cunha Bueno/Carlos Barata, Brasília, 2ª Edição.

. História da Casa de Bragança, <http://ip200650/braganca.html>.

. Terra de André do autor Marcos Paulo Souza Miranda.

. Brasil: Terra à Vista, Eduardo Bueno, L&PM, 2003. . Cláudio Fortes, autor do Estudo Genealógico "A Grande Família", dados fornecidos.

. Mário Arantes de Almeida, fonte primária: anotações sobre A Família Arantes Ramo de Araraquara.

. Família Junqueira, José Américo Junqueira de Mattos, 2004, pg 1311 a 1442.

. Testamento e Inventário do Capitão-Mor Antonio de Arantes Marques: 19/10/1816, Caixa 5, Museu Regional de São João d'El Rei, pesquisado por Gilberto Alves Furriel da Silva, pesquisador *in situ*, Aiuruoca, MG, 2003.

. Gilberto Leite de Barros, A cidade e o Planalto, Tomo I, pgs: 93 e 94.

<http://br.geocities.com/projetocompartilhar6/antoniodearantesmarques1816.htm>

<http://br.geocities.com/projetocompartilhar/estudooscarvalhoduartenosuldeminas.htm>

Os Carvalho Duarte no Sul de Minas (atualizado em 06-Abril-2008)

<http://br.geocities.com/projetocompartilhar3/joaofranciscojunqueira1819helenamariadoespiritosanto1810.htm>

<http://br.geocities.com/projetocompartilhar/estudoDomingosdaCostaGuimaraes.htm>

<http://br.geocities.com/projetocompartilhar/inventarioJosédeArantesMarques.htm>

Justino Rodrigues de Arantes - 1873 (*)

http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=205649

1831 - Aiuruoca, MG, CENSO